

## OS "CABOCLOS"

(Página de lembrança)

*Braga Montenegro*

Naquele ano os *caboclos* não conseguiram retirar a corôa do Bom-Jesus para a habitual peregrinação no interior, onde deviam recolher as esportulas destinadas aos festejos da noitada de 23 de dezembro, tradição que remonta aos longínquos idos do século XVIII, senão talvez a tempos mais recuados ainda, quando da instalação das missões jesuítas e fundação da capela pelos padres Francisco Finto e Luís Figueiras, em 1607. O vigário não o permitira, com grande revolta dos mais antigos do lugar, que zelavam carinhosamente aquela tradição, a se perder na profundidade dos tempos, alegando as misérias da sêca e a necessidade de preservar os ritos da Igreja daquela superstição indígena de natureza essencialmente pagã. Ademais, segundo lhe havia chegado ao conhecimento, os *caboclos*, nos terços e cerimônias que levavam a efeito pelo interior, formavam *terreiro* onde expunham a santa corôa, não só à adoração dos fiéis que lhe traziam dádivas, mas também ao espetáculo profano de atos sacrílegos.

Meu avô, que ao tempo exercia as funções de «chefe» dos *caboclos* — espécie de curadoria dos *índios* junto à paróquia e às autoridades eclesíasticas, encargo que lhe viera do sogro, homem venerando e piedoso, cuja memória ainda hoje se conserva como exemplo de honradez e firmeza de caráter — não concordou com a resolução do vigário, e ordenou se tomassem as providências para os festejos na forma do costume. O padre não entregara a corôa, então que se fizesse a peregrinação com uma estampa do Bom Jesus dos Aflitos encaixada num pequeno nicho de madeira ornado com flôres e fitas, no dia da festa se celebraria a novena e se içaria a bandeira nem

que lhes fechassem a igreja, pois no cruzeiro acender-se-íam velas e o povo não deixaria de orar e de prestar culto à maior glória de Deus.

O vigário não cedeu no seu ponto de vista, mas não hostilizou nem fulminou a quem quer que fôsse com a ameaça das penas eternas. Meu avô encomendara uma bandeira especial, e D. Francisquinha Sá fôra encarregada de bordar, em púrpura e sêda, um estandarte com a imagem da corôa, uma surpresa de que só os mais íntimos de nossa família tiveram conhecimento, para o dia da chegada dos *caboclos*, a 23 de dezembro. Ainda muito cedo, não obstante os rumores de que o padre não abriria a igreja, a vila começou a movimentar-se; de Fortaleza vinham trens especiais repletos, e até os carros de carga conduziam pessoas, gente do povo que, da estação, se derramava pelas praças ou se encaminhavam para o Beco da Cadeia, por onde deviam chegar os peregrinos. Por trás da igreja se embandeiravam as barracas do arraial; as mais arranjadas preparavam bicos de acetilene em tubos de chumbo para a iluminação da noite, e distribuíam, no espaço externo, mesas e cadeiras de ferro para a venda de bebidas, frios e doces. Quase tôdas as barracas tinham o feitiço de um pequeno quiosque e eram construídas de madeira rústica com tapadas e cobertas de palha de catolé. E de mistura com essas improvisadas casas de pasto, erguiam-se as tendas dos jogos (jaburús, roletas, mesas cobertas com oleados estampados de bichos e números, dados, etc.) e os balcões das sortes, um verdadeiro mundo de bazar oriental, para o deslumbramento das crianças e pesadêlo dos pais, dos quais o mais importante era o do Maneco, com uma elegante locomotiva de corda a correr num trilho circular crivado de números (tantos quanto eram representados pela série em cupons), no centro do qual erguia-se uma pirâmide de miudezas, desde as ricas bonecas e as gravatas francêsas até as finas louças de porcelana trabalhada, e os cristais, e os broches e os pentes de pedras, e as meias de sêda e os perfumes, e os objetos de presente, e as caixas de passa e os biscoitos em estojos de papel rendado. Para o lado da estação, em direção ao desvio, alinhavam-se as bancas de tableiros, os cafês humildes destinados ao povo. Em frente à Matriz, junto às grades do passeio, em seguida ao mastro da bandeira, pintado de novo, enfileiravam-se as girândolas, os fogos de artifício maravilhosamente fabricados por mestre João Fogueteiro, que se deviam queimar, alter-nados aos morteiros, após a novena, antes da quermesse e do leilão; e se falava com exagêro do número de balões encomen-

dados para aquela noite, e nem ao menos se suspeitava, naquele tempo em que ainda havia florestas, que os seus archotes pudessem incendiar os campos.

Uma coisa me preocupava sôbre tôdas as demais, e eu não me animava a pedir esclarecimento aos mais velhos, receoso de uma decepção: — se o padre não abrisse a igreja, como poderiam soltar os balões, segundo era costume fazer-se sustentados na ponta de uma vara, duma das janelas da torre? De onde poderiam soltá-los se na terra não havia sobradços além daquele dos Albano, sempre abandonado aos morcegos e às corujas e muito distante, na entrada da vila? Este problema era para mim fundamental e me angustiava sobremodo.

Que os *caboclos* viriam não havia mais dúvida, tanto assim que lhes preparavam, em nossa casa, caldeirões de comida para o jantar, e minha mãe já me aprontara com a roupa nova à marinha, um par de botinas pretas, um gorro branco com uma fita azul cujas pontas caíam sôbre uma das orelhas, e, na frente, o letreiro dourado — «Rio de Janeiro»; tal qual a vestimenta de meu tio Mário, que era mais velho, do que eu apenas um ano. O presente de minha roupa fôra inspiração sua, testemunhando uma profunda amizade que resistiria pelo tempo afora, nada obstante a dessemelhança de índole e a pouca congruência de nossos destinos. Mas muito embora me fôssem grandes a alegria e o reconhecimento em receber tão importante dádiva, à minha perspicácia infantil não escapou o fato de que a roupa de meu tio era ornada com um torçal de sêda e duas âncoras em cada ângulo da gola, enquanto que a minha tinha como enfeite apenas um cordão grosso de linha de meada.

E prova mais concludente da próxima chegada dos *caboclos*, eu tinha, porque meu avô partira ao encontro deles. Muito cedo, antes que minha avó ultimasse o chouriço e os doces do Natal, êle se preparara, tal como acontecia diariamente antes de tomar o trem para ir à repartição (calça de linho cinza, o paletó de alpaca sempre lustroso, o colete de casemira nunca abotoado e apenas prêso pela cadeia do relógio, chapéu côco, botinas de elástico, um firme guarda-sol creme de interior verde, sob o braço, ao lado da pasta, e para lhe completar a figura um charuto fumegante entre os dedos, cujo selo escarlata conservava, como sinal de autenticidade do melhor e mais aromático fumo de Havana) e partira, em companhia de mestre Chico Félix, seu mais dedicado e constante auxiliar, ao encontro da tradicional e nume-

rosa procissão dos *caboclos*. Pouco antes, a banda da Polícia Militar, garbosa e bem afinada, ao som marcial de um dobrado, desfilara pelo Beco da Cadeia e emudecera na distância.

Meio desconfiado, eu palpava, no bolso superior de minha blusa, o níquel com que devia mais tarde dar um giro no carrossel, quando verifiquei que seu Vicente Sacristão abria as portas da igreja e, de imediato, agitava festivamente os sinos a todos os fiéis, no apêlo inicial da proc. Não bem os sons se desfaziam no espaço e começou a se ouvir o espoucar dos foguetes longínquos.

Mais de uma hora se escoou em tranqüila expectativa, os foguetes cada vez mais perto. Uma onda de curiosos começou a se adensar para os lados das casas do Maia, e logo os meus olhos deslumbrados viram, por sobre um oceano de cabeças agitadas, o estandarte com a imagem da santa corôa, avançando lento e firme no punho de mestre Luis Gonzaga, o *caboclo* chefe, que, acompanhado pelos tambores, entoava um bendito. Súbito as *caixas* silenciaram e a banda iniciou um dobrado de que se ouvia apenas o surdo compasso do bombo e uma que outra nota logo afogada no ruído que se levantava, com a poeira, do seio da multidão. Foguetes encheram os ares por todos os lados e acima daquela avalanche humana que se comprimia entre as grades da avenida e a calçada das casas, como um exército antigo num desfileiro, paus e braços se agitavam na proteção das flechas que caíam do céu.

Onde me encontrava, os de minha família e todos que ali estavam se puseram de joelhos, exceto um senhor idoso, de aspecto distinto, vestido de fraque e calça listada, uma pera grisalha sob o lábio carnudo. Sua mão direita se apoiava no castão da bengala, o índice acintosamente espetado no grande anel de chuva, um enorme rubí cintilando ao centro. Com a esquerda erguia respeitosamente o chapéu côco acima da cabeça. Embora sereno e discreto nas atitudes, percebia-se lhe, fácil, a distinção que não lhe vinha de alcaides ou traficantes mas do sangue generoso de heróis e de artistas. Era um grande amigo de minha família, o desembargador Alvaro de Alencar...

Lentamente, a procissão avançava, rumorosa e inquietada, o estandarte sempre ao centro, conduzido por mestre Luis Gonzaga, que vinha ladeado por meu avô, seu Antônio Caboclo, mestre Chico Félix e seus companheiros. Da fisionomia do velho mameiuco, irradiava a beatitude e a alegria des-

medida dos simples, e êle, com vagar e método, parando sempre quando alguém se aproximava de joelhos para lhe beijar a franja do estandarte e depositar o óbulo na sacola, sorria e suave, gozando, com a majestade dos remotos avós caciques, a glória superior daquele triunfo.

O préstito, cada vez mais denso, atingiu por fim o pátamar da Matriz e logo ficou repleto o adro atijolado. Os tambores rufavam com entusiasmo crescente, embaixo dos paredões espoucavam bombas, afogando num gemido a melopéia dos benditos entoados pela multidão.

No altar-mor, todo iluminado e festivamente florido, o vigário, de roquete e estola, aguardava pacientemente que aquela imensa onda invasora do templo fôsse aos poucos se acalmando, para afinal, ao som do harmônio e do côro, dar início ao ofício religioso.

Meus olhos se inundaram de lágrimas.